

TERRA NOSSA DO MAR

Rubem Braga

1232
Se deixei o «Saldanha» ao largo da Paranaguá, quando pretendia ir até Rio Grande e talvez à Argentina, foi porque não havia pescaria na viagem. Além de cientistas, técnicos e universitários interessados em biologia, química, física e geologia marinha, pode o «Saldanha» receber um certo número de jovens pescadores — de preferência filhos de pescadores profissionais — que ali, na prática, aprendam seu ofício. Acontece que no momento os organismos responsáveis não parecem interessados em aproveitar essa esplêndida oportunidade de formar homens tecnicamente habilitados para a pesca moderna. É uma lástima esse subaproveitamento do «Saldanha», que só em custo de operação absorve diariamente dois e meio milhões de cruzeiros de nosso orçamento.

Além de seu objetivo especial — esta é a segunda de uma série de quatro viagens para determinar as condições de fertilização da plataforma meridional brasileira, a zona mais rica em pescado de nosso país — o «Saldanha» pôde desta vez ser útil a duas universidades. A Universidade do Brasil mandou, do Rio de Janeiro a Santos, uma turma de sete moças e quatro rapazes, alunos do professor Henrique Rodrigues da Costa, para pesquisar o bentos (organismos vivos do fundo do mar) da plataforma entre o cabo São Tomé e Santos. Os jovens biólogos estiveram ocupados alguns dias — e muitas vezes varavam a noite nesse mister — em estudar os conglomerados e lamas que a draga trazia do fundo e jogava na popa, classificando todos os organismos vivos ali existentes.

Houve momentos de alvoroço quando em uma das paradas do navio apareceram muitos tubarões, alguns dos quais foram devidamente pescados.

Hospeda também o «Saldanha» seis estudantes de História Natural da Universidade do Paraná, escolhidos em um concurso feito após um curso rápido de hidrobiologia em que se inscreveram 32 alunos. Com esses jovens viajei de Santos a Paranaguá. Era comovente encontrar à noite, olhos atentos no microscópio, três moças da nova safra universitária de Curitiba: uma filha de brasileiro, outra de japonês, outra de italiano — as duas primeiras bonitas morenas curvilíneas, a última esgalga e loura. As três não querem ser professoras ao deixar a Faculdade de Filosofia — estão no 4º ano — e sim pesquisadoras de biologia.

Essa gente, em um país tão desconhecedor de si mesmo e de seus recursos, como o Brasil, deve ter todo o incentivo e facilidade; a gente, não exagero em dizer isso sagrada, do ponto de vista do futuro nacional. No que tange à costa Atlântica, a biologia marinha se estuda hoje nas Universidades do Ceará, Recife, São Paulo, Rio Grande do Sul e Paraná, onde um Instituto começa a querer existir. O «Saldanha» acolhe com prazer esses jovens estudiosos e todos os que queiram, dentro de qualquer especialidade, ajudar no levantamento de nossos recursos marítimos. Estudantes e mestres de outros países, de acordo com a FAO e a UNESCO, procuram nosso navio oceanográfico. É hora de um novo «Rumo ao Mar» que os jovens brasileiros ouçam como o apelo romântico das ondas, a fascinação das pesquisas e a consciência de que não podemos formar um grande país sem conhecê-lo bem. E o mar também — ao menos em sua plataforma continental — é terra nossa.

DN. 7.8.65